

# A morte na narrativa de Eusébio de Cesareia: interpretações do sofrimento em *História Eclesiástica*

*Death in the narrative of Eusebius of Caesarea: interpretations about suffering in Ecclesiastical History*

Edalaura Berny Medeiros\*

Fábio Vergara Cerqueira\*\*

**Resumo:** Assim como em *Sobre a morte dos Perseguidores*, de autoria do retórico cristão Lactânio (240-320), o fim trágico dos imperadores inimigos da fé recebeu atenção especial na narrativa de Eusébio de Cesareia (265-339), bispo que ficou conhecido como "pai da história da Igreja" por sua obra *História eclesiástica*. A semelhança nos permite depreender que seu registro ultrapassava a mera descrição, possuindo um caráter admonitório. Pretendemos demonstrar que, para a manutenção da lógica interna de seu discurso, Eusébio interpretava o tormento, para o cristão e o não cristão, sob um duplo viés.

**Abstract:** As in *On the death of the Persecutors*, written by Christian rhetorician Lactantius (240-320), the tragic end of the Emperors enemies of faith received special attention in the narrative of Eusebius of Caesarea (265-339), bishop who became known as the "church history father" for his work *Ecclesiastical History*. The similarity allows us to conclude that his record went beyond of the mere description, but had a cautionary character. We intend to demonstrate that, for the maintenance of the internal logic of his speech, Eusebius interpreted the torment, for the Christian and non-Christian, in a double bias.

**Palavras-chave:**

Império Romano;  
Século IV;  
Cristianismo;  
Identidade;  
Eusébio de Cesareia;  
*História Eclesiástica*.

**Keywords:**

Roman Empire;  
Fourth Century;  
Christianity;  
Identity;  
Eusebius of Caesarea;  
*Ecclesiastical History*.

---

Recebido em: 11/05/2014

Aprovado em: 09/06/2014

---

\* Mestre e licenciada em História e bacharel em Direito pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Meu imenso e eterno agradecimento ao Professor Dr. Gilvan Ventura da Silva pelas inestimáveis contribuições à pesquisa e ao Professor Dr. Fábio Vergara Cerqueira pelo encorajamento e apoio.

\*\* Doutor em Antropologia Social, concentração em Arqueologia Clássica. Professor do Departamento de História da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e do Programa de Pós-Graduação em História e do de Pós-Graduação em memória social e patrimônio cultural, sendo bolsista produtividade do CNPq.

## Eusébio como testemunha de seu tempo

**E**m nossa pesquisa de mestrado, buscamos localizar no discurso de Eusébio de Cesareia (263-339), em sua *História eclesiástica*, os elementos que, para ele, fundamentavam a vitória do cristianismo, pressupondo a existência de limites fluidos entre diversas identidades. O empenho na formação de fronteiras identitárias ficava evidenciado pelo registro das diferenças entre os grupos religiosos e na oposição do “nós” *versus* “eles”, do ponto de vista exclusivamente cristão. Dentro dessa descrição, observa-se a ocorrência de contradições em sua lógica de enaltecimento da identidade e de depreciação da alteridade, próprias de um discurso de viés totalizante.

Pela análise da introdução ao oitavo capítulo, verifica-se o motivo pelo qual Eusébio sentiu a necessidade de retomar a empreitada: entendia que os eventos de sua contemporaneidade eram dignos de registro.<sup>1</sup> Nosso autor associava o início da última perseguição ao desregramento da conduta dos cristãos, afirmando que consistia na punição divina advinda do comportamento reprovável de outrora, em tempos de paz:

Com certa insensibilidade, descuidávamos de tornar a divindade propícia em nosso favor. Agíamos como ateus, julgando não constituírem nossos interesses objeto de solicitude e vigilância divina, e acumulávamos maldades, umas sobre as outras. Os pretensos pastores, desdenhando as normas da piedade, lançavam-se apaixonadamente em mútuas contendas; nada mais faziam que entregarem-se a disputas, ameaças, invejas, inimizades e ódios recíprocos; ambicionavam ardorosamente o poder, qual tirania (Eusébio de Cesareia, *História Eclesiástica*, VIII, 8).

A ascensão do cristianismo ao posto de religião oficial ocorreu paulatinamente e a utilização efetiva do aparato imperial para a opressão das demais religiões sobreveio apenas após o governo de Constantino.<sup>2</sup> Assim, cristianismo e paganismo dividiram o

---

<sup>1</sup> Barnes (1981, p. 128) nos informa que, originalmente, *História Eclesiástica* era composta por sete livros, os quais se reportavam a tempos anteriores, narrando as várias fases da história da Igreja: a origem do cristianismo; a atuação dos discípulos após a ascensão de Cristo; os acontecimentos que sobrevieram aos judeus; as perseguições de Nero; a era apostólica e o século II; a vida de Orígenes; as heresias; as cartas de bispos e grandes nomes da Igreja. Assim, antes da Grande Perseguição (303-313), a obra já estava publicada e os acontecimentos decorrentes desse evento instigaram o autor a dar continuidade ao relato, só que dessa vez por meio do registro de seu tempo.

<sup>2</sup> Em interessante artigo sobre o tema, intitulado *Vertentes da intolerância religiosa no império romano: o caso dos judeus*, Silva (2005) relaciona a aproximação da religião cristã ao aparato estatal romano para a criação de uma identidade política e ideológica (romano-cristã), que se valia da coerção para a perseguição da alteridade, representada por qualquer ameaça, real ou simbólica.

cenário político e social por longo período. Diante desse contexto de intensa convivência entre grupos opostos, mostra-se oportuna a análise de Sandra Jatthy Pesavento (2005, p. 91-2) acerca da importância da valorização da identidade do grupo, de forma a tornar convidativa a adesão e a permanência dos membros:

A identidade se constrói em torno de elementos de positividade, que agreguem as pessoas em torno de atributos e características valorizados, que rendam reconhecimento social a seus detentores. Assumir uma identidade implica encontrar gratificação com seu endosso. A identidade deve apresentar um capital simbólico de valoração positiva, deve atrair a adesão, ir ao encontro das necessidades mais intrínsecas do ser humano de adaptar-se e ser reconhecido socialmente. Mais do que isso, a identidade responde, também, a uma necessidade de acreditar em algo positivo e a que o indivíduo possa se considerar como pertencente. Enquanto construções imaginárias de sentido, as identidades fornecem uma compensação simbólica a perdas reais da vida. Identidades gloriosas confrontam e suprem carências na vida social e material, por exemplo.

Concluimos que Eusébio contribuiu para a elaboração de uma nova identidade, formada por intermédio desse convívio e do amálgama entre conceitos internos e externos ao cristianismo, observável a partir dos exemplos de personalidades apresentadas ao longo de seus escritos. Não obstante, deparamo-nos com algumas questões instigantes ao longo da pesquisa, dentre elas o interesse do autor pelo relato pormenorizado da morte tormentosa dos inimigos da fé, como punição divina à conduta pregressa, assunto que abordaremos no presente artigo.

Antes de adentrar na apreciação da problemática proposta, cumpre pontuar algumas questões acerca do fenômeno social da morte e de sua implicação para a compreensão coletiva dos eventos. Para tanto, valemo-nos do estudo desenvolvido por Geciane Soares do Nascimento (2009), intitulado *Suplício, martírio e poder no baixo império romano: as representações pagã e cristã sobre o corpo sentenciado*. A autora atenta para a ampliação dos objetos de estudo impulsionada pela História Cultural, permitindo que o corpo supliciado, no caso, as marcas impingidas pelo poder imperial nas punições aos cristãos, seja utilizado "como registro capaz de revelar indícios sobre os conflitos político-religiosos, culturais e simbólicos do período" (NASCIMENTO, 2009, p. 10). Prosseguindo em sua análise, a autora afirma que a espetacularização do sofrimento cumpre o papel de institucionalização e de ritualização da agonia, permitindo a valorização simbólica e, portanto, a fixação do evento na memória coletiva.

Assim, o corpo porta em si a marca da vida social, expressa os conflitos de um tempo e faz imprimir fisicamente sobre ele os registros de transformações, em que a sociedade projeta a fisionomia de seu espírito. Nesse sentido, cada sociedade produz um inventário das marcas e impressões dos conflitos vividos em seu interior, que são, para nós, mensagens de seus códigos de conduta, que revelam, na superfície do corpo, as profundezas da vida social (NASCIMENTO, 2009, p. 10-11).

Para o desenvolvimento de nossa exposição, partimos da crítica elaborada pelo tradutor e comentador da obra *Vida de Constantino*, M. Gurruchaga (2010), que justifica a centralização do extenso relato de importantes figuras cristãs, em contraponto aos principais inimigos da fé, pelo pouco discernimento de Eusébio sobre as questões de seu tempo. Para Gurruchaga (2010, p. 63), Eusébio era um autor limitado, qualificando sua maneira de escrever como:

El segundo desencanto se sufre cuando se espera un refinado gusto literario a un dominio en el campo de la composición. Su estilo es, en general, pomposo, oscuro y pretencioso, y la mezcla de metáforas es cuando menos chocante. [...] Su manera de escribir es un reflejo de su carácter, y como escribía, así era Eusebio. Más acumulativo que productivo, más pedante que genial, más registral que especulativo. En el orden religioso, llama la atención en un hombre de la Iglesia, sin ninguna dispersión que lo desviara de esse solo centro, lo estereotipado de sus expresiones, sin una nota personal.

Gurruchaga conclui seu pensamento definindo Eusébio como “um falcão com plumagem de pomba”, no sentido de que o autor estaria se valendo da seleção de textos, citações e abordagens narrativas como meio de ocultar seu verdadeiro posicionamento conspiratório ariano.

### **A morte tormentosa em *História eclesiástica***

*História eclesiástica* é o livro que narra a história da Igreja, desde sua fundação, com Jesus Cristo, filho de Deus, e a concretização das profecias do Antigo Testamento, até o início do século IV, culminando com a unificação do poder imperial nas mãos de Constantino, o primeiro imperador cristão. Nela, o autor descreve os cristãos como figuras boas em todos os aspectos, enquanto a representação dos pagãos permanece centrada em suas condutas reprováveis.

Em seu relato é possível identificar que o tormento e a morte pela fé eram almeçados pelos cristãos fervorosos. Porém, o ineditismo da duplicidade do martírio não provinha de formulação proposta por Eusébio. A questão da dor como expiação dos pecados é originária de elaboração social emergida dos embates da época, numa releitura elaborada sob o viés cristão, na contramão da cultura romana.

[O mártir] é, pois, um elemento ressimbolizado, visto que, para a tradição romana, trata-se do condenado, do desviante que deve ser execrado, ao passo que, para os cristãos, o mesmo indivíduo, por meio do suplício infligido pelos pagãos, assume a conotação de santidade. Desse modo, o fenômeno do martírio comporta, segundo nossa hipótese, uma ressignificação por parte do cristianismo a partir dos suplícios deflagrados sobre o corpo do cristão durante a perseguição, pois cada ação executada sobre o corpo do cristão assume significados distintos. O significado atribuído pelo poder imperial é o de degradação e danação daquele que está sendo executado. Afinal, trata-se de um traidor da tradição romana, o qual não reconhece os deuses e ignora a influência destes na vida cotidiana, além de descumprir as determinações imperiais. Já para os cristãos, a dor e o sofrimento dos mártires assumem a conotação de ação purificadora, uma vez que a tortura e a morte infligidas sobre seu corpo são processadas como parte de um ritual ascético, ou seja, de elevação espiritual. Dessa maneira, o corpo do cristão supliciado é passível de receber duas representações opostas: uma efetuada pelos cristãos, que assume o aspecto de purificação e glória; outra pelos pagãos, que apresenta uma leitura de punição e repulsa (NASCIMENTO, 2009, p. 12-13).

Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva (2008) afirma que, da forma como os mártires eram caracterizados, a *História eclesiástica* teria contribuído para o desenvolvimento de um novo herói, o santo.

Os mártires eram, na *História eclesiástica*, personagens de destaque tanto quanto os escritores eclesiásticos e os líderes das igrejas, já que simbolizavam a resistência e a persistência cristãs face aos ataques judaicos e pagãos e eram uma evidência de que o cristianismo era a religião verdadeira. Eles foram apresentados dentro da lógica da vitória pela resistência, da força do mais fraco (SILVA, 2008, p. 22).

Os mártires eram, pois, os grandes heróis da fé. Sua bravura e firmeza frente às penas desumanas e ultrajantes e diante da morte serviam de exemplo para os cristãos.

O apelo simbólico contido nas execuções sumárias descritas por Eusébio seguia um repertório de representações sociais cultivadas desde os tempos lendários de Roma, quando cada execução encerrava um significado simbólico que emanava do trato recebido pelo corpo dos supliciados até se produzir a morte.

[...] Contudo, a morte, assim como a dor, também desempenhava, nesse contexto, funções significativas, visto que ambas eram utilizadas como elementos capazes de propagar mensagens de poder e de controle para toda a população do Império (NASCIMENTO, 2009, p. 74-75).

Mas atentemos para o fato de que, além de não reconhecer as perseguições como iniciativas do poder imperial, logo, do Estado, Eusébio também não atribuía qualquer incompatibilidade entre Igreja e Império. Vejamos:

Para a *História eclesiástica*, as perseguições aos cristãos sempre foram fomentadas pelos inimigos da fé, incluindo as iniciativas de alguns maus imperadores. Mas os mártires cristãos suportaram os sofrimentos e mantiveram intacta a revelação de Cristo, conquistando o reconhecimento da população e dos próprios imperadores. Ou seja, os relatos das perseguições foram um dos argumentos apologéticos utilizados na *História eclesiástica* para demonstrar que a Igreja cristã do século IV, purificada pelo sofrimento, representava a religião verdadeira (SILVA, 2008, p. 2).

Eusébio elevava os mártires a um patamar superior, a um modelo de conduta, juntamente com o imperador Constantino, primeiro imperador cristão e unificador do Império Romano, considerado pelo autor de *História eclesiástica* como o verdadeiro enviado de Deus.

Em contraponto às qualidades apresentadas por Constantino, salta aos olhos o interesse de Eusébio em registrar pormenorizadamente o final trágico dos imperadores inimigos do cristianismo, assunto recorrente nos livros VIII e IX. A dupla condição do mártir, que, ao mesmo tempo que sustentava a qualidade de cristão fervoroso e exemplo de fé, sofria as humilhações de uma morte tormentosa e, muitas vezes, sem herdeiros, contradizia a teoria demonstrada por Eusébio em sua preocupação de relatar a morte infausta dos imperadores inimigos do cristianismo.

Estabelecendo um paralelo entre a conduta reprovável em vida e a situação de morte, Eusébio relatou o final dos imperadores pagãos, pois, para ele, "não convinha passar sob silêncio o termo da vida de todos eles" (Eus., *Hist. Eccl.*, VIII, 1). Foram eles: Maximino, que "pereceu de morte vergonhosa", sob Licínio (Eus., *Hist. Eccl.*, VIII, 13, 15); Maxêncio, que padeceu sob as tropas de Constantino, nas cercanias de Roma, recebendo um Salmo na narrativa de sua morte que dizia que "ele cavou e aprofundou o buraco da própria cova. Sua maldade se voltou contra sua cabeça, sobre seu crânio lhe caiu a própria injustiça" (Eus., *Hist. Eccl.*, IX, 9, 6); Licínio, que governava o Oriente,

dividindo o Império com Constantino, imperador do Ocidente, e que, segundo Eusébio, foi “atacado de demência”, perdendo o poder para Constantino (Eus., *Hist. Eccl.*, IX, 9, 1); e, por fim, Galério, o “primeiro responsável da desastrosa perseguição, muito antes da entrada em ação dos outros imperadores” (Eus., *Hist. Eccl.*, VIII, 1), cuja fatal enfermidade mereceu uma descrição pormenorizada, tanto na *História eclesiástica* quanto na *Vida de Constantino*:

Com efeito, de repente brotou um abscesso nas partes mais escondidas do corpo; depois uma úlcera profunda com fístula, e esses males incuráveis lhe corroeram as entranhas, onde formigava uma quantidade enorme de vermes; elas exalavam um cheiro pestilento. Toda a corpulência resultante da gula e que antes da moléstia comportava dobras de excessiva gordura, pôs-se a apodrecer e oferecia aos circunstantes um espetáculo intolerável e assustador. Dentre os médicos, uns não puderam de forma alguma suportar o estranho e intenso mau cheiro, e foram degolados; outros, impotentes para aliviar todo esse inchaço, para o qual não restava possibilidade de salvação, sem compaixão foram mortos (Eus., *Hist. Eccl.*, VIII, 16, 4-5).

El caso es que, no bien hubo dado éste, por primera vez, comienzo al acoso de las iglesias, y contaminada su alma con la sangre de los justos y piadosos, la represalia enviada por Dios lo alcanzó empezando por su propia carne y no se detuvo hasta llegar al alma. Pues un repentino abscesso le surge en medio de las partes innumerables de su cuerpo; después, una llaga fistulosa en la parte baja y una incurable corrosión de todo ello hasta las más íntimas entrañas, de donde dicese que bullía gran cantidad de gusanos y brotaba un hedor de muerte, dado que toda la mole corpórea, por la abundante ingestión de alimentos, se había transformado en una inmensa massa grasienta, que cuando comenzó a pudrirse, ofrecía un espectáculo insufrible y horripilante a los que se acercaban (Eusébio de Cesareia, *Vida de Constantino*, II, 57, 1-3).

Para Eusébio, as chagas suportadas por Galério constituíam um castigo de Deus, pelos males impostos aos cristãos. Por conta disso, ele teria promulgado o Edito de Tolerância, em 311, para se reconciliar com o Deus dos cristãos. No apêndice do oitavo livro, Eusébio afirma que o imperador, após o Edito, “se viu livre de suas dores por um breve tempo antes de morrer” (Eus., *Hist. Eccl.*, VIII, 1).

Segundo Drake (2002, p. 115), a construção de uma explicação baseada na teoria da retribuição divina surgiu como resultado dos eventos precedentes. O interesse em relatar o final trágico dos perseguidores do cristianismo verifica-se nos escritos de Eusébio e na obra *A morte dos perseguidores*, redigida por Lactânio (240-320), na qual demonstra-se que os escolhidos por Deus eram, de fato, protegidos de seus inimigos, enquanto estes últimos pagavam com a própria vida pelos atos de perseguição. Ambas

as iniciativas associavam o sofrimento da morte dos perseguidores a um castigo divino, consequência da postura assumida pelos inimigos do cristianismo (DRAKE, 2002, p. 359).

Curioso é o fato de que, para Eusébio, a morte tormentosa assumia um duplo viés: podia representar um castigo divino pessoal, caso o sujeito fosse um inimigo da fé; mas, se a vítima se tratasse de um cristão, a morte não seria consequência de sua conduta pregressa, quer dizer, dos pecados cometidos ao longo da vida. Pelo contrário, o suplício assumia uma conotação purificadora.

Em que pese o fato de a morte ignominiosa dos mártires ir de encontro à teoria do castigo divino pessoal, o mártir assumia a condição de arquétipo cristão justamente por padecer de morte dolorosa, em decorrência das perseguições.

Para Eusébio, os mártires eram os cristãos mais perfeitos e completos, pois, com sua coragem, não se deixavam dobrar, mesmo sob graves torturas. Não negavam a fé, garantindo, portanto, a salvação eterna e demonstrando, com seu sacrifício, o valor e a verdade do cristianismo. Desta forma, o autor descrevia diversos martírios, ressaltando detalhes, muitas vezes macabros, com o objetivo, sobretudo, de demonstrar que todo aquele sofrimento não era em vão; ao fim, a Igreja alcançaria a vitória (SILVA, 2008, p. 15).

Eusébio foi testemunha ocular de alguns martírios, registrando-os com riqueza de detalhes em sua obra. Para que possamos apreciar o teor de sua narrativa ao se referir aos mártires, transcrevemos o seguinte excerto:

Nós mesmos vimos, estando no próprio local, grande número de mártires sofrerem juntos, num só dia; uns a decapitação, outros o suplício do fogo. De tal forma que, se o ferro mortífero ficava embotado e gasto, eram esmigalhados e os próprios carrascos, fatigados, alternavam-se uns aos outros. Então, contemplamos o admirável ardor, o poder verdadeiramente divino, a coragem dos que acreditavam no Cristo de Deus. Pois, enquanto se pronunciava a sentença contra os primeiros, alguns acorriam de outro lado para o tribunal, diante do juiz. Declaravam-se cristãos, sem se inquietarem por causa dos tormentos nem das diversas espécies de suplícios aos quais se expunham; mas falavam com inteira liberdade, corajosamente, da religião do Deus do universo e recebiam alegres, risonhos, bem-humorados a sentença final de morte, cantando hinos e dando graças ao Deus do universo até o último suspiro (Eus., *Hist. Eccl.*, VIII, 9, 4-5).

Pela lógica da exposição de Eusébio, na contramão da individualização do inimigo, haveria a generalização da Igreja; ou seja, os mártires, enquanto exemplos de



fé, não poderiam ter sido merecedores de suas mortes trágicas. Dessa maneira, o mártir seria aquele que pagaria pelos erros de todos os cristãos (MEDEIROS, 2012, p. 80). Para melhor explicitar essa questão, devemos analisar o teor do trecho citado abaixo, que consiste numa espécie de introdução à segunda parte da obra, quando Eusébio passa a narrar os acontecimentos de seu tempo:

Nós próprios assistimos a estas cenas, verificando a presença e a ação manifesta nos mártires do poder divino de nosso salvador Jesus Cristo, a quem prestavam testemunho. As feras devoradoras não ousavam, durante muito tempo, tocar os corpos dos amigos de Deus, nem mesmo aproximar-se, mas era contra os outros, a excitá-las de fora com alguma provocação, que elas arrojavam. Os santos atletas, sozinhos, nus, agitavam as mãos para atrair as feras (pois assim tinham ordem de fazer), mas não eram absolutamente tocados. Se por vezes lançavam-se contra eles, retidas por certa força divina, recuavam. [...] Admirava-se a força intrépida destes santos e a firme e inflexível resistência que continham esses jovens corpos. Via-se, por exemplo, um rapaz que ainda não completara vinte anos, estar em pé, sem liames, com os braços estendidos em forma de cruz, a prolongar as preces à Divindade, de mente intrépida e imperturbável, na mais perfeita tranquilidade, imóvel, sem se afastar do lugar, enquanto ursos e leopardos, respirando furor e morte, quase lhe tocavam a carne, mas, não se sabe como, por efeito de infável poder divino, tinham a goela fechada e nem depressa recuavam. Tal era este jovem. Podia-se, ainda, ver outros (eram cinco ao todo), jogados diante de um touro furioso. Este, com os chifres, lançava para cima os outros, os pagãos, que se adiantavam e, depois de os ter dilacerado, deixava-os semimortos. Após ter-se precipitado, furioso e ameaçador, contra os santos mártires, somente deles não conseguia aproximar-se; batia as patas e sacudia os chifres para cá e para lá. Mas quando, excitado com ferro em brasa, respirava furor e ameaça, era puxado para trás pela Providência divina, de sorte que jamais exerceu contra eles violência alguma; então lançaram outras feras. Mas, por fim, após estas terríveis e variadas provas, todos foram degolados pela espada e, em vez de serem depositados em túmulos, foram entregues às ondas do mar (Eus., *Hist. Eccl.*, VIII, 7, 2-6).

Além da morte tormentosa, a morte sem herdeiros também era negativa. Nesse ponto, também é possível verificar contradição, bastando uma breve análise da trajetória do mártir mais admirado por Eusébio: Orígenes. Além de padecer sob martírio, ao que se sabe, morreu sem herdeiros, pois realizou sua autocastração quando ainda era jovem, fato que gerou muitas críticas na época (BARNES, 1981, p. 84).

Em suma, foi o mau comportamento dos cristãos, em tempos de paz, que provocou a ira de Deus, ocasionando as perseguições de sua contemporaneidade. Nessa ótica, Eusébio teria evitado relacionar a morte trágica dos mártires a uma

eventual conduta pregressa reprovável, estendendo a responsabilidade a toda a coletividade dos cristãos.

É possível afirmar que o autor entendia o sofrimento da morte do cristão como valoroso, enquanto aquele relacionado à morte do pagão consistia na penalização por sua conduta pregressa. Nesse sentido, nosso êxito reside em perceber a forma com que os fatos, visivelmente contraditórios, eram perfeitamente alinhados à teoria proposta por Eusébio.

As arbitrárias omissões de Eusébio sobre Constantino foram entendidas por Burckhardt como desonestidade (DRAKE, 2002, p. 357). Gurruchaga (2010, p. 63), por sua vez, afirma que Eusébio não possuía grande discernimento acerca das forças que compunham seu cenário social, o que o impossibilitava de entender a conjuntura de sua época. Ao contrário, concentrou na contraposição de Constantino aos demais soberanos, adotando a lógica do tirano castigado por Deus.

Para nós, Eusébio, no afã de elaborar uma demonstração “didática” da conduta esperada do fiel, contrapondo comportamentos louváveis dos cristãos às atitudes reprováveis dos inimigos da fé, não identificou qualquer contradição em sua exposição. Entendemos que essa ausência não compromete o discurso do autor, aliás, qualquer contradição fulminaria o próprio viés totalizante do discurso.

Nessa senda, discordamos de Gurruchaga (2010, p. 63). Entendemos que Eusébio possuía grande percepção de seu contexto histórico, sobretudo da importância da intervenção imperial para a unificação da Igreja, sem a qual o seu crescimento estaria comprometido. Concluímos, ainda, que Eusébio militava abertamente em prol de sua teoria político-religiosa, voltada para a unificação do poder temporal nas mãos de um único soberano, assim como a divindade cristã é única e governante do universo. Logo, o que pode ser considerado como falta de compreensão dos fatos, para nós, consistia na maneira como o autor visualizava e expunha as questões de seu tempo por meio do comprometimento com uma teoria político-religiosa baseada na estreita convivência entre o poder eclesiástico e temporal, postulando a sua concentração nas mãos do imperador.

## Referências

### Documentação textual

EUSÉBIO DE CESAREIA. *História eclesiástica*. Introdução e notas de Roque Frangiotti. São Paulo: Paulus, 2000.

EUSEBIO DE CESAREA. *Vida de Constantino*. Introducción, traducción y notas de Martín Gurruchaga. Madrid: Gredos, 2010.

### Obras de apoio

BARNES, T. *Constantine and Eusebius*. Cambridge: Harvard University, 1981.

DRAKE, H. A. *Constantine and the bishops*. London: The Johns Hopkins University, 2002.

DRAKE, H. A. The church, society and political power. In: CASIDAY, A.; NORRIS, F. (Orgs.). *The Cambridge history of Christianity*. Constantine to c. 600. New York: Cambridge University, 2008, p. 403-428.

GURRUCHAGA, M. Introducción. In: EUSEBIO DE CESAREA. *Vida de Constantino*. Madrid: Gredos, 2010, p. 7-121.

MEDEIROS, E. B. *Ser cristão no século IV: identidade na História Eclesiástica de Eusébio de Cesareia*. Dissertação de Mestrado, Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, 2012.

NASCIMENTO, G. S. do. *Suplício, martírio e poder no baixo império romano: as representações pagã e cristã sobre o corpo sentenciado*. Dissertação de Mestrado, Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2009.

PESAVENTO, S. J. *História e história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SILVA, A. C. L. F. da. Reflexões sobre os martírios, a obra *História eclesiástica* de Eusébio de Cesareia e a hagiografia cristã. *Dialogando com Clio*, Rio de Janeiro, n. 18, p. 1-26, 2008.

SILVA, G. V. da. Vertentes da intolerância religiosa no império romano: o caso dos judeus. In: NOBRE, C. K.; CERQUEIRA, F. V.; POZZER, K. M. P. (Eds.). *Fronteiras e etnicidade no mundo antigo*. Canoas: ULBRA, 2005, p. 167-178.